

## DEBATE

## FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO: CRÍTICA DO DISCURSO

Otaviano Pereira

## I

Pretendo abrir uma questão em torno da FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO conforme nos é proposta por Henrique Dussel, um de seus insígnis representantes, a partir de uma crítica elaborada por Leonardo Von Acker, do IBF, seção S. Paulo.<sup>1</sup> Não se trata propriamente de uma crítica da crítica ( ou metacrítica ), nem de “defesa” de H. Dussel, muito embora L. Van Acker fale uma “leitura fechada” desta nova proposta, o que, na verdade, mereceria alguns reparos.

Por isso mesmo não nos serviremos da crítica de Van Acker ( plenamente indispensável ), mas de seu trabalho teórico ( lógico-sistemático-sintético ), levando em consideração a leitura atenciosa ( “exegética” ) e a apresentação do painel da F. L. ( Filosofia da Libertação ) no brilhante artigo aqui referido.

E qual questão se quer abrir ? Exatamente a partir desta “dissecação” de L. Van Acker, abordarei o problema do discurso e, conseqüentemente, da linguagem da F.L. num duplo sentido: ( a ) o da **libertação da própria filosofia** ( sem o gracejo do jogo de palavras ) como subsídio para o alcance da ( b ) **filosofia da libertação**, no que ela significa e deverá significar, ainda mais, a partir de sua viabilidade concreta como “práxis” libertadora.<sup>2</sup>

Mas como o descascamento crítico da linguagem de qualquer filosofia não se dá fora de uma problemática real que envolve o **tema** e o **método**, esta “purificação do conceito” de libertação deve partir do discurso da libertação da filosofia para se encontrar no discurso da libertação no decurso da realidade mesma. Assim sendo, a partir da crítica do discurso e da linguagem, tendo em vista o duplo sentido de libertação, a questão que se pretende lançar surge da necessidade de livrar a F.L. do labirinto do **palavreado** para inscrevê-la no horizonte da **palavra** — mais adequada a tal discurso.

Evidentemente há de se considerar que estas indagações partem de alguém que mal inicia a leitura da F.L.

## II

A primeira tarefa para quem se propõe a elaborar uma nova filosofia é o cuidado quanto ao sistema, método e crítica do discurso, o que implica constantes reparos. E como uma filosofia não se dá apenas no nível do “discurso puro” ou não se reduz a seu formalismo, mas parte do discurso, não é a teoria do conhecimento em si, isolada, que irá tornar este pensamento “revolucionário” no sentido mais completo do discurso filosófico. A filosofia não está aí para servir ao discurso ( e seu formalismo ) ou se reduzir a ele. É o discurso que precisa tornar-se instrumental para a filosofia. E elaborar um discurso novo para um pensamento que pretende revolver uma nova questão não implica apenas dificuldades semânticas ( ou sintáticas ou prag-

máticas como querem os adeptos da semiótica ) ou gnosiológicas, mas exatamente entrar no desafio mesmo da questão: do que se trata e como elaborar o discurso em cima da questão para que o filosofar se torne autêntico. Ora, responder só pelo discurso em si é visar simplesmente à roupagem deste novo "corpus". É neste reparo profundo que se inclui a questão de hermenêutica do duplo sentido da libertação.

Mais do que nunca estamos diante de questões lógicas e, mais ainda, dialéticas, se é que a ( lógica ) dialética incorporou, no sentido histórico/social/revolucionário, a própria lógica formal do discurso humano como "práxis" e toda a teoria do conhecimento para poder revelar o discurso na sua autenticidade. Fora da dialética não há como realizar esta hermenêutica muito menos fazer deste discurso um discurso histórico autêntico.<sup>3</sup> Por outro lado, tentar pôr o discurso a nível de historicidade é cair no dilema teoria/prática que precisa ser resolvido nesta própria hermenêutica, visto ser uma questão metodológica de base.

Pois bem, se a primeira consciência que leva à elaboração dos reparos desta nova plataforma ( temática/metodológica ) é a de que nenhuma filosofia se dá ao nível do puro discurso lógico-formal sem deixar de ser inautêntico ou inadequado, mas necessitar de uma incursão na "práxis", a conclusão a que chegamos é a de que a crítica da linguagem da F.L. só se pode dar ao nível mesmo da "práxis". Daí, a necessidade deste descascamento crítico, a começar na linguagem e avançando pelo discurso<sup>4</sup>, de termos como ética, ontologia, ser, ente, transcendência, metafísica, fenomenologia, libertação ( etc ), que entraram para o vocabular tradicional da filosofia e aí permaneceram. Termos que, inclusive, abundam esta nova proposta de H. Dussel e que podem contribuir para jogar sua nova filosofia num ramerrão de **palavreados** gastos a cujo padrão de linguagem o discurso da tradição constantemente se debate, fazendo da filosofia um discurso sofisticado e inautêntico. O que dizer, então, das filosofias periféricas ?

Por outro lado, não se trata apenas da superação ou gratuito abandono desta linguagem típica das filosofias "de centro" nem de fazer malabarismo vocabular para se reinventar a filosofia. É sabido que a distância entre a linguagem ( e o discurso ) do oprimido e a linguagem dos "filósofos" ( das filosofias "de centro" ou do "sistema" ) parece sem precedentes. Ora, se para se reinventar o discurso é preciso partir de uma linguagem autêntica, como a F.L. irá incorporar a linguagem do oprimido em seu discurso ? Por exemplo, o que é metafísica, para o oprimido ? como realizar uma "metafísica da opressão" ? Como transformar este palavreado filosófico em discurso adequado e coerente ? Como fazer, com que o oprimido se identifique na linguagem do filósofo da libertação, se esta nova filosofia utilizar uma roupagem velha, desbotada ? É, neste sentido, que — dizíamos no início — precisamos pensar a F.L. no marco da própria libertação da filosofia. E no âmago mesmo do discurso, está a questão da postura do filósofo frente à realidade e à cultura. E falar em postura do filósofo é referir-se à sua metodologia de trabalho. Quando se trata de vestir roupa de adulto em corpo de criança os alinhavos do modelo precisam ser muito bem trabalhados. Assim mesmo !... Mas é preciso correr o risco da mudança. Ou então não há mudança, há disfarce ou mera adaptação.

### III

Por isso mesmo, ao pensar esta nova plataforma ( temática/metodológica/crítica ) da F.L., estamos diante de um problema crucial, sem cuja resolução não pode-

mos avançar no discurso da própria libertação, qual seja, o de esclarecer o âmbito do próprio discurso. A questão do âmbito sempre volta ( em sentido dialético ) justamente porque o discurso não se reduz à linguagem. E elaborar o discurso da libertação implica trabalhar esta libertação na “práxis” e chegar juntos no sentido último do encontro entre a libertação da filosofia e a F.L. como um discurso único, no âmbito da libertação latino-americana, como questão dialética de base. E só no decurso desta tarefa histórica é que perceberemos a libertação da filosofia ao nível de sua própria linguagem. Por isso mesmo, trabalhar uma linguagem “adequada” ( adaequatio ) anterior ao próprio discurso libertador é incorrer nos erros dos idealismos.

No âmbito da lógica esta purificação da linguagem só se concretiza à medida em que esta libertação vai-se realizando e não a partir de uma lógica preestabelecida ( de um pré-logismo ) e, muito menos, da ausência de lógica. A **lógica da libertação** ( que é também formal porque é pensada no tempo e no espaço ) só se dá na **dialética da libertação**. Portanto, pensar a F.L. na A. Latina, hoje, é colocar a emergência de uma **nova lógica** que deverá cobrir este duplo sentido que se quer dar à **LIBERTAÇÃO AMPLA** ( da A. Latina e de “sua” filosofia ). Só assim poderemos avançar no discurso da libertação e perceber seu âmbito, não reduzindo a crítica do discurso a mera crítica da linguagem.

E o que significa, precisamente, avançar no discurso da libertação ? Aqui corremos o risco do verbalismo, da tautologia ( e da “mimesis” ) se não compreendermos a necessidade do encontro entre a lógica do discurso filosófico com a própria lógica dialética da libertação sócio-política da A. Latina. E esta tarefa, duplamente libertadora, que se inicia com a purificação da linguagem da F.L., é a de promover este encontro, sem o qual nenhum avanço será percebido.<sup>5</sup>

Como não se trata simplesmente de abandonar os discursos anteriores, prontos ( das filosofias “de centro” ) mas criticá-los, desmitificá-los e recriá-los, para se pensar a F.L. cumpre saber realizar esta “antropofagia” dos modelos. Tendo em vista esta deglutição do que é ultrapassado e inautêntico, o filósofo da libertação, em sua tarefa tácita, crítica, sistemática vai adquirindo “energias”, vitalidade, no discorrer de seu discurso, à medida em que assimila, “devora” as filosofias “de centro” para repensá-las a nível de “periferia”. É como o ciclo mesmo de um metabolismo. É tarefa árdua, corajosa, necessária para se livrar da repetição e conferir à nova filosofia um caráter de universalidade e não de isolamento.

Para citar exemplo nosso, se os mentores da Semana de Arte Moderna não tivessem ciência da necessidade de superação do passado romântico, naturalista e parnasiano, nenhuma revolução estética seria possível. No marco de toda re-leitura, toda a superação se dá a partir do trabalho de crítica das formas de discurso evitando que o passado se torne inautêntico para o presente. E uma filosofia só se torna grande à medida em que se inscreve no tempo e no espaço. Superá-la significa atestar a sua autenticidade como passado. O romantismo brasileiro tornou-se mais autêntico como movimento literário à medida em que foi superado pelo Modernismo de 1922.

Aí, a tarefa de purificação da linguagem no discurso é uma preocupação constante e necessária como a primeira via concreta para dialetizar o pensamento e evitar que a filosofia “velha” se torne coifa ( ou capa ) para os novos tempos e novos contextos e fazer da nova proposta uma proposta que já nasce envelhecida. E ao que nos parece, por esta via a F.L. tem muito a caminhar porque o discurso novo deverá entrar pelas sendas do processo mesmo de libertação sócio-política latino-americana como libertação do povo, das culturas ( etc, )

Ademais, a crítica e re-elaboração desta filosofia não parece ser tarefa solitária do filósofo (mentalidade que nos vem "do centro") mas o risco que os filósofos devem assumir com toda a sua comunidade política (sua "polis"), inserindo seu novo discurso em todos os setores da vida e da cultura latino-americana. Volta-se, aqui, a questão do método.

Portanto, fora de uma **pedagogia da libertação**, nenhuma F.L. será possível, fora de uma **cultura autóctone**, a mesma coisa (assim por diante). Além de ter de recriar as filosofias "do centro", os filósofos da libertação, sem a arrogância da rivalidade (mentalidade de países subdesenvolvidos também culturalmente) e trabalhando em conjunto (ou equipes) devem colocar-se como "antenas" de todos os discursos libertadores paralelos para poder incorporá-los à nova proposta. Pensar a F.L. e realizar sua hermenêutica é, antes de tudo, um profundo ato de escuta.

E o que esperar de filósofos que teimam em repetir filosofias "de gabinete", filosofias prontas ou filosofias "de escola"? Em tais posturas jamais a linguagem do oprimido será ouvida, porque o filósofo do "sistema" está fora do alcance da cultura corrente e suas solicitações. Como postura e como desafio, o filósofo da libertação deverá estar ligado ao seu povo, sua terra (e seu discurso dialético) como num cordão umbilical.

E no crivo desta crítica incluo, como filosofia inautêntica, toda a ortodoxia, inclusive a gratuita repetição do marxismo, de como é praticado entre nós<sup>6</sup>.

#### IV

Será que avançamos um pouco nesta crítica do discurso? Não se não retornarmos ao problema da "práxis". E ainda não vejo como avançar uma filosofia como "práxis" fora do âmbito do materialismo dialético: da luta de classes, das condições materiais da realidade, das relações sociais de produção (etc.).

Já sabemos que não é o discurso novo que "prepara" a libertação como se lógica do pensamento fosse anterior à lógica da realidade. Se é nesta dupla emergência (da lógica do discurso e da lógica da realidade) que o novo discurso irá inscrever-se como pensar a F.L. fora das emergências sócio-político-cultural-educacional da A. Latina? Como pensar a libertação da A. Latina se não avançamos na luta da classe? Como pensá-la fora das relações sociais de trabalho e produção, fora de uma proposta pedagógica libertadora, fora de um método político de organização das massas famintas e ansiosas em torno de suas reivindicações, fora da representatividade dos partidos, fora do acirramento das lutas sindicais... enfim, fora de toda a ambiência libertadora concreta?

Para se livrar do academicismo a F.L. deverá captar todos os discursos libertadores do quadro sócio-político-cultural e transformá-los em **filosofia** e fazer com que a F.L. corrobore para que a libertação sócio-político-cultural se torne uma epifania (uma manifestação) da libertação total do povo latino-americano, tendo a F.L. como uma espécie de porta-voz. Isto sim, se entendemos que a função do filósofo da libertação é a de um catalisador e organizador dos discursos afins. Como os demais discursos se definem a partir da "práxis", o mínimo que se espera do filósofo que optou pela F.L. é saber resolver o dilema teoria/prática, em que a filosofia de "sistema" sempre tende a se perder — como sintoma de sua própria omissão ou falta de discernimento. Avançar por via do **novo discurso** da F.L. (e sua purificação de

linguagem) — como proposta metodológica, crítica, epistêmica — é entrar na **palavra de ordem da práxis** para poder sair do **palavreado** ou da sofisticação retórica das filosofias inautênticas. Optar por esta mudança, é ser **dialético**.

Para citarmos outro exemplo, a Teologia da Libertação não teria alcançado o atual nível de discurso hermenêutico (como é proposto, por exemplo, por Clodovis Boff, por vias da mediação sócio-analítica)<sup>7</sup>, se a Igreja de vanguarda não estivesse realizando historicamente a prática da libertação, notadamente da **sua própria libertação**<sup>8</sup>. Esta teologia, qualquer que fosse seu novo nome, permaneceria enclausurada no seu discurso acadêmico de pacto com as filosofias inautênticas.

Do ponto de vista da proposta de uma plataforma metodológica e de crítica às filosofias inautênticas (fenomenologia, existencialismo, filosofia analítica, marxismo ortodoxo e puro historicismo)<sup>9</sup> e tendo em vista a premente necessidade de se pensar esta nova prática filosófica a partir da realidade dos países periféricos (onde a “antropofagia” se faz necessária), a perspectiva de H. Dussel parece muito válida enquanto expressa uma extraordinária lucidez de intuição teórico-prática para a realização da libertação latino-americana. Pensada no quadro histórico-cultural geopolítico, não há outro método mais adequado para livrar a filosofia da acusação de ser coifa do pensamento institucionalizado na superestrutura das realidades nacionais (política, educação, cultura oficial etc.). Enfim, livrar a filosofia da acusação de **ideologia** dissimuladora do próprio discurso do domínio cultural oficial, do sistema sócio-político cultural vigente.

Da mesma forma, uma filosofia que se diz **neutra** com relação a tal discurso libertador, por alcançar uma visão mais universalista e buscar a “verdade pura” (portanto, nem histórica, nem dialética) torna-se tão perniciosa como as filosofias de gabinete que repetem as linguagens das filosofias de centro e compactam com o discurso cultural do sistema. Não há, como escapar, no crivo da “práxis” o discurso da F.L. exige a **opção** do filósofo frente às emergências da realidade.

## V

Retomando a questão da plataforma temática e metodológica, a tentativa de definição de um método mais adequado para a F.L., por ser um discurso novo e ainda “vago”, parece permanecer obscuro no seu 4º item, qual seja, precisamente no pólo em que esta nova hermenêutica se irá estabelecer: a questão **dialética** do discurso.

H. Dussel propõe, via L. Van Acker, uma via obscura pelo chamado **método analítico** ou **anadialético**, como o método que vai além de acima dos métodos ôntico e ontológico-dialético, pela crítica do próprio “ser” ou fundamento do sistema sócio-cultural vigente a partir do protesto dos oprimidos visando a submetê-lo e substituí-lo por um “mundo” mais justo, ao serviço do homem<sup>10</sup>.

O que seria um método analítico ou anadialético? Que avanço faremos neste discurso, se permanecermos nesta sofisticação de linguagem? Como a F.L. irá incorporar a linguagem do oprimido para se afirmar como **libertadora**? Como não acusar esta proposta de idealista? Como criar um discurso novo, um novo “corpus” epistêmico com roupagem velha das filosofias inautênticas? Como não entender que o sentido último desta dialética implica a incorporação do discurso do filósofo na “práxis” e que aí ele deixa de ser “velho” e sofisticado?<sup>11</sup> Como fugir do malabarismo verbal?

Dizer que esta hermenêutica se fará a partir de um método analético ou anadialético parece não avançar em nada, nem como proposta epistêmica ( como teoria do conhecimento, como “puro discurso” ) nem como “práxis”.

Não estamos fazendo o jogo da sofisticação e caindo na obscuridade como forma de ludibriar o próprio discurso do oprimido ( af inserido ) e dissimular a trama da cultura oficial e de gabinete ? Como propor a libertação da filosofia no marco de um discurso obscuro e, até, pelo menos aparentemente, **antidialético**, visto estar atado no mero palavreado ? Por que o fechamento do discurso na obscuridade ? Não representaria a fuga da própria “práxis” libertadora e a afirmação da anticultura ?

Se entendemos que sem a mediação da cultura popular ( ou nacional-popular ), de uma religiosidade engajada e sem fetiches nem engodos alienantes, uma pedagogia deveras libertadora que conduza o aprendiz à sua própria emancipação como sujeito do ato pedagógico<sup>12</sup> ( etc. ), jamais o discurso do oprimido se fará presente no discurso da libertação. E a F.L. só se autolibertará, isto é, tornar-se-á autêntica quando representar a fala do oprimido em todos os seus setores.<sup>13</sup>

Assim sendo, pensar a F.L. é pensá-la a partir de uma cultura da libertação, uma política de libertação, uma pedagogia da libertação, uma teologia e uma prática religiosa da libertação, uma psicologia da libertação, assim por diante. Modo contrário, todo o discurso permanece fechado na sofisticação da linguagem e alienado ( a partir de seu próprio método ) e sem possibilidades de amadurecimento. Inclui as próprias considerações que acabamos de fazer, ( como discurso acadêmico ).

#### Notas e Referências

(1) Trata-se do texto: Uma Filosofia da Libertação, **Revista Brasileira de Filosofia**, IBF, São Paulo. vol. XXX, nº 114, pp. 111-123 e vol. XXX, nº 115, pp. 247-269.

(2) Sobre tudo nos itens, 8: Quadro sinótico da Filosofia da Libertação, 10: A interpretação geopolítica da história da filosofia, 11: O sentido da libertação política, 12: O sentido da libertação erótica, 13: O sentido da libertação pedagógica, 14: O sentido da libertação religiosa e 15: Filosofia da Libertação como introdução geral à filosofia.

(3) Neste sentido, o materialismo dialético não se deve tornar um dogma de interpretação do mundo, uma “filosofia pronta”, mas, como instrumental, um simples método de análise da realidade.

(4) Observe-se que não estamos utilizando os termos **linguagem** e **discurso** no mesmo sentido. Embora profundamente implicados um no outro, o discurso recebe uma conotação mais profunda, exatamente por representar o confronto dialético entre o dinamismo da cultura e da história com a sua versão na filosofia, sendo a linguagem ( o linguajar do filósofo ) o reflexo desta versão.

Convém, ainda, ressaltar que o discurso se torna retórico e sofisticado não por utilizar palavras difíceis, próprias do vocabulário filosófico, mas pelo fato de esta mesma linguagem surgir de filosofias de outro contexto sócio-cultural e não encontrar respaldo na cultura em questão, tornando-se, então, uma linguagem envelhecida, postíca, inadequada, acadêmica, visto que o discurso do filósofo não se encontra com o discurso do oprimido.

(5) Erro muito comum dos “dialéticos” ou de muitos adeptos do pensamento de “esquerda” é querer admitir que o discurso histórico não se dá a partir de uma lógica ( e querer eliminá-la ), como se a práxis fosse um jogo de acaso ou como se a prática

pura fosse suficiente para o avanço da dialética da libertação. Esta rejeição da elaboração teórica parece tão perniciosa e tão "ideológica" quanto o discurso puro, fora da prática. Ora, fora de uma lógica, inclusive formal, não se estabelece discurso algum, porque a estrutura mental do homem é lógica formal. O discurso da realidade ( e da filosofia ) que é dialético. O grande problema da filosofia clássica, por outro lado, é querer permanecer na lógica formal como estrutura pronta, preestabelecida e, portanto, antidialética.

(6) O problema é que somos, muitas vezes, levados a confundir: prática pura, "práxis", dialética, materialismo dialético ( este como método de análise ), marxismo e marxismos, marxologia ( etc ) como se todos estes termos fossem simplesmente sinônimos.

Ademais, o termo materialismo aqui não se contrapõe a espiritualismo, transcendentalismo ou qualquer palavra do gênero. Trata-se do método de análise da realidade proposto por Marx na sua re-leitura da dialética hegeliana e da retirada da mesma dialética do esquema idealista, para o confronto concreto com as estruturas mesmas do real. Ver, a este respeito, CORBUSIER, Roland, **Enciclopédia Filosófica**, Vozes, Petrópolis, 1974, o vocábulo "Dialética", pp. 22-28.

(7) Cf. BOFF, Clodovis, **Teologia e Prática**, ( Teologia do Político e suas mediações ), Vozes, Petrópolis, 1978, 407 pp.

(8) Não se trata agora de discutir, do ponto de vista de tática política, se a Igreja é "revolucionária" hoje, ou se permanece numa postura contra-revolucionária por não avançar na tomada do poder visto não fazer opção por partido político. Trata-se de observar seu novo ministério teológico e perceber sua capacidade de organização, como acolhedora e organizadora das vozes dos oprimidos. Exemplo concreto: as comunidades eclesiais de base.

(9) Cf. VAN ACKER, Leonardo, op. cit. vol. XXX, nº 114, p. 116.

(10) Cf. op. cit. vol. XXX, nº 114, p. 123.

(11) Poderíamos sofrer a acusação de que também o termo "dialética" é sofisticado e pertence ao jargão das filosofias "do centro" ou inautênticas. Isto se torna verdade se a dialética for arrotada como palavra de enfeite, isolada da práxis e da dupla incorporação do discurso: o verbal e o real. A questão de ser sofisticado não se explica por ser ou não difícil, mas por se tornar incompreensível por não encontrar respaldo na realidade. Volta-se o problema do método de análise e não do mero vocabulário.

(12) Neste sentido nos parece demasiado insuficiente a abordagem de Leonardo Van Acker com relação à crítica da F.L. frente as propostas pedagógicas libertadoras, talvez por se tratar de uma síntese ou de um simples painel. Cf. op. cit. vol. XXX, nº 114. p. 121.

(13) Não se trata de fala da ideologia do oprimido que se torna patente como forma de discurso sócio-histórico no momento em que a ideologia do opressor o alcança e domina. Trata-se da fala dos anseios do oprimido nos diversos setores da vida social e da cultura, o que exige do filósofo, do educador, do líder das massas ( e outros ) muito senso de discernimento. Ora, a purificação do discurso ( e da linguagem ) percorre os caminhos da ideologia sem poder-se fechar nela.